

(RE)PENSANDO O COMPLEXO DE ÉDIPÓ NA CONTEMPORANEIDADE E AS NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES



Elenara Farias Lazzarotto da Costa

Centro Universitário Franciscano – UNIFRA – Brasil

Cristiane Bottoli

Centro Universitário Franciscano – UNIFRA – Brasil



Resumo

O presente artigo busca (re)pensar o complexo de Édipo na contemporaneidade e as novas configurações familiares. Tem por objetivo compreender como o complexo de Édipo apresenta-se na contemporaneidade a partir da literatura existente e como este vem se sustentando diante das novas configurações familiares. Esta foi uma pesquisa de cunho bibliográfico, na qual se buscou, por meio do levantamento da literatura, revisar determinados autores tradicionais e contemporâneos que descreveram a história da família e sua evolução e também o complexo de Édipo. Pode-se perceber que, independentemente da configuração familiar em que a criança está inserida, o complexo de Édipo se constitui, e, assim como a família se modificou, o Édipo também sofreu alterações para dar conta dessas novas configurações familiares.

Palavras-chave: Complexo de Édipo. Contemporaneidade. Novas configurações. Família.

Introdução

O complexo de Édipo, teoria criada por Freud, surgiu em uma realidade que hoje, de certa forma, modificou-se. A família nuclear era considerada um referencial de família nos tempos de Freud, e hoje se percebe que existem variadas configurações familiares que foram se constituindo com o tempo. Além disso, conforme Osório (2002), inúmeras variáveis influenciaram a família, como o ambiente, o social, a economia, a cultura, a política e a religião, determinando o seu funcionamento nos dias atuais. Alguns dos marcos na sua história foram as conquistas das mulheres no mercado de trabalho e sua independência, que, em alguma medida, refletiu-se nas atuais configurações familiares.

Atualmente existem várias formas de caracterizar as famílias, sendo elas família nuclear; monoparental; recomposta; homoparental. Percebe-se que a família continua e

continuará em processo de transformação, buscando reformular-se para dar conta dos novos desafios que vão surgindo.

É de extrema importância refletir sobre o complexo de Édipo diante dessas novas configurações familiares, pois se sabe que, por meio do complexo edípiano ocorre a estruturação psíquica do sujeito, isto é, a formação da personalidade. Ao mesmo tempo, como a família através dos tempos vem se reconfigurando, o complexo de Édipo, de certa forma, (re)configura-se também para dar conta dessas novas formas de família.

Assim, aqui, serão apresentadas reflexões, a partir da revisão teórica de autores tradicionais e contemporâneos que abordam a temática, visando a responder a seguinte questão: **Como o complexo de Édipo se apresenta na contemporaneidade e como este vem se sustentando diante das novas configurações familiares?**

A partir do tema proposto, percebe-se como as configurações familiares têm se modificado e como o olhar e os sentimentos sobre elas foram ganhando novos significados, diante de todas as transformações históricas, sociais e culturais. Também é possível perceber que, em consequência, a própria clínica psicanalítica vem sentindo essas “novas” formas de abordar a família e a conflitiva edípica, buscando, a partir disso, se (re)inventar para dar conta das necessidades familiares. Assim, para compreender toda esta realidade, acredita-se que se deve buscar entender o processo do complexo de Édipo diante das novas configurações familiares.

Com base neste olhar, este trabalho justifica-se pelo interesse em entender esses dois processos, buscando, assim, conhecer um pouco da história da família até os tempos atuais e a teoria que explica o Complexo de Édipo, e, a partir daí, discutir como o complexo de Édipo apresenta-se diante das novas configurações familiares. Também buscou-se colaborar com pesquisas relacionadas a este tema, contribuindo para a psicologia enquanto ciência e profissão.

Metodologia

Este trabalho foi pautado em uma pesquisa de cunho bibliográfico. Conforme Gil (2010), uma pesquisa bibliográfica é elaborada a partir de dados em materiais já publicados, sejam eles impressos, livros, revistas, jornais, teses, dissertações e também anais de eventos científicos. Esta é desenvolvida em várias etapas a serem realizadas como escolha do tema; levantamento bibliográfico preliminar; formulação do problema; elaboração do plano

provisório de assunto; busca das fontes; leitura do material; fichamento; organização lógica do assunto e redação do texto.

A escolha do tema partiu da ideia de compreender como o complexo de Édipo, juntamente com a evolução das novas configurações familiares, está caracterizando-se na contemporaneidade. O levantamento bibliográfico revisou determinados autores tradicionais e contemporâneos que descreveram a história da família e sua evolução e também o complexo de Édipo, e verificou como o mesmo caracteriza-se nas novas configurações familiares, por meio de livros e artigos sobre o tema. Após a leitura, fichamento e discussão da bibliografia revisada, foi elaborado o artigo final, buscando atender aos objetivos propostos.

Resultados e discussões

O Complexo de Édipo

Somos sujeitos formados pela evolução, cultura, tendências e estamos envolvidos em um triângulo edipiano que nos acompanhará inconscientemente por toda nossa vida, repercutindo em nossas relações pessoais e coletivas. A partir da teoria psicanalítica, a constituição do sujeito se dá através do Complexo de Édipo, refletindo na vida sexual humana, isto é, no processo de produção da sexuação (YOUNG, 2005; MOREIRA, 2004).

Freud (1916-1917/1976) buscou conhecer o inconsciente, dentro da cultura do patriarcado o pai edipiano tinha poder sobre sua esposa e seus filhos, e a mulher era íntima dos filhos e se realizava através deles, que se situavam entre o amor materno e a ameaça do interdito de seu pai. O complexo de Édipo é uma teoria criada por Sigmund Freud, rememorando o mito com o mesmo nome, descrito na tragédia do Édipo Rei, escrita por Sófocles. Foi citado pela primeira vez, segundo Souza (2006), em um dos escritos de Freud (1910/1976), “Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens”, onde ele relata que a criança deseja sua mãe e passa a ver o pai como rival, situação que é chamada de complexo de Édipo.

Laplanche e Pontalis (2001, p. 77) também trazem a definição do complexo de Édipo como um

“Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Na realidade, essas duas formas encontram-se em graus diversos na chamada forma completa do complexo de Édipo”.

Desta forma, entre os quatro anos de vida da criança, além de esta ser caracterizada como inocente e alegre, ela sexualiza os pais, isto é, os pais são introduzidos em suas fantasias como objetos de desejo. Neste contexto, a criança, ao mesmo tempo em que aprende a limitar o seu impulso, tem que se ajustar conforme os limites que seu corpo imaturo necessita (NASIO, 2007). Freud (1910/1976) também continua relatando que esse impulso não desaparece completamente, pois, usando da fantasia, ele continua seu curso.

O complexo de Édipo ocorre em ambos os sexos, apresentando algumas peculiaridades tanto para o menino quanto para a menina. De acordo com Nasio (2007), no complexo de Édipo dos meninos, o pênis é o órgão onde está focalizado o seu prazer. Este é desejado, amado e valorizado tanto pelos meninos como pelas meninas, que, por fantasia, denomina-se “falo”. O menino entra no Édipo e manipula seu pênis, isto é, entrega a fantasia em relação a sua mãe e se organiza a partir do afeto que ele vai ter por seu objeto mais estimável, o pênis. O menino, orgulhoso por seu poder, sente o desejo de ir em direção ao Outro, em direção ao corpo de seus pais para encontrar ali prazer, e o Objeto que ele deseja ter somente para si é a mãe. Depois da fantasia de possuir sua mãe, o menino busca ser possuído pelo Outro, quando a criança busca seduzir um adulto para ser o seu objeto. E a última fantasia é o desejo de suprimir o Outro, onde a criança fantasia que mata seu rival, aqui, o pai. Mas em torno do “falo” vai existir uma angústia, chamada de angústia de castração, onde há o medo do menino de ser privado do seu pênis.

Conforme Miguelez (2012), o complexo de castração masculino apresenta-se como uma ameaça de perder o domínio, o poder, isto é, ser o homem (fálico) e passar a se sujeitar e ser obediente, ser a mulher (castrada). O pai, ou seus representantes, imaginariamente têm a posse sobre o pênis, representando assim a hierarquia masculina, e, conseqüentemente, mais tarde se dará pela identificação com o seu pai, que continuará amedrontando o pequeno Édipo por toda sua vida. O menino desiste de possuir seu objeto (mãe), quando o pai profere contra o filho a castração e também pela angústia gerada por saber que o corpo feminino não possui o falo.

É sob a angústia da castração que o menino aceita a lei do interdito e busca salvar seu pênis, mesmo tendo de abrir mão de sua parceira sexual. Com essa renúncia e pelo aceite da lei da proibição, dada pelo pai, encerra-se a fase do amor edipiano, tornando-se possível a afirmação da identidade masculina. Depois desta separação sexual, que passa a existir entre a

criança e os pais, ela passa a ter a possibilidade de desejar outras pessoas fora do seu ciclo familiar (NASIO, 1997; NASIO, 2007).

Freud (1916-1917/1976) destaca a importância que há de ir em busca de outro objeto, pois este acontecimento faz com que haja um desligamento dos pais, dos desejos libidinais pela mãe, empregando-os em outro objeto real e externo, reconciliando-se com seu pai.

No Édipo do menino, há três desejos incestuosos, o de possuir, o de ser possuído e o de suprimir o Outro, já no Édipo da menina, existe primeiro o desejo de possuir a mãe e, mais tarde, de ser possuída pelo pai. Sabe-se que, no Édipo, a atração que ocorre é pelos genitores do sexo oposto, porém, a menina passa por um período denominado pré-edípico, no qual ela deseja possuir a mãe, para depois acessar o pai e vivenciar o complexo de Édipo. O menino não precisa passar por esse período, pois ele deseja desde o princípio o genitor do sexo oposto, sua mãe, sendo esse seu objeto de desejo até ao término do complexo de Édipo (FREUD, 1924/1976; FREUD, 1931/1976; NASIO, 2007).

Na fase pré-edípica, ocorre a constatação da falta do falo, causando uma decepção na menina, que vai gerar uma inveja pelo pênis, assim, o Édipo da menina, ao contrário do menino, não vai gerar angústia, mas sim inveja, pois ela foi privada de um objeto que acreditava possuir. Havia um alguém que fazia com que a menina acreditasse que possuía um pênis, e este alguém nada mais era que sua mãe. Como sua mãe também é desprovida do falo, ela merece, da parte da menina, desprezo e recriminação. Assim, a menina fica, por um período, só, pois rejeitou sua mãe e ainda não recorreu a seu pai, e neste período ela chora seu narcisismo ofendido (NASIO, 2007).

O pai possuidor do falo entra em cena quando a menina volta-se para ele, buscando se refugiar, consolar e também reivindicar seu poder. Então, o pai poderoso de sua fantasia recusa-se a dar a ela o falo e, vendo que nunca o terá, a menina busca agora ser o falo do pai, isto é, ser possuída pelo pai. Essa é a entrada no Édipo, quando o pai passa a ser sexualizado. A mãe, que ficará esquecida, passa a ser admirada e invejada para depois ser o referencial de mulher amada. Neste momento, a menina aproxima-se novamente da mãe e identifica-se com ela, pois a filha quer ser a mulher do pai e assim poder dar-lhe um filho. Como o pai negou a ela o falo, novamente, nessa segunda fase, ele nega-se a possuí-la, nega a ela de ser o seu falo. Então a menina é levada a identificar-se com o pai, pois, não podendo ser o objeto sexual de seu pai, ela busca ser como ele, isto é, recalca o desejo de ser possuída pelo pai, mas sem renunciar a ele. Na realidade, a menina renuncia ao pai fantasiado, mas se identifica com o pai real, herdando assim suas atitudes, gestos, desejos, valores morais. Na concepção freudiana, o

complexo de Édipo da menina terminará quando ela realizar o desejo de ser amada e quando esperar um filho do homem eleito (NASIO, 1995; NASIO, 2007).

Assim, entende-se o complexo de Édipo como “fábrica de subjetivação sexuada”, ou seja, como estruturante psíquico do sujeito, definindo sua personalidade e sua subjetivação (MIGUELEZ, 2012, p. 146). O complexo de Édipo é também a dolorosa passagem entre o desejo selvagem para um desejo socializado, e a aceitação de que seus desejos nunca serão totalmente satisfeitos. A criança edipiana, que tem o desejo pelo outro, sentindo assim o desejo pelo seu corpo e pelo corpo do outro, aprende a refrear seus desejos e o prazer para viver em sociedade (YOUNG, 2005; NASIO, 2007).

Conforme Nasio (2007), tanto o menino como a menina recalcam suas fantasias e angústias para se tornarem disponíveis e irem conquistar novos objetos de desejos. Progressivamente, vai surgindo o pudor, sentimentos de culpa e estabelecendo-se a sua identidade sexual de homem ou mulher.

Desta forma, independentemente das novas reformulações que vêm ocorrendo na sociedade atual, e em especial na família,

“Todas as crianças, sejam quais forem suas condições familiares e socioculturais, vivem essa fantasia universal que é o complexo de Édipo. Seja abandonada, órfã ou adotada pela sociedade, nenhuma criança escapa ao Édipo! Por quê? Porque nenhuma criança escapa à torrente das pulsões nela desencadeadas entre os três ou quatro anos de idade, e porque nenhum adulto de seu círculo imediato consegue evitar desempenhar o papel-alvo das pulsões e de canal para drená-las” (NASIO, 2007, p. 131).

Partindo do que foi apresentado até o momento, buscar-se-á discutir como as famílias estão se (re)estruturando e como o complexo de Édipo vem dando conta dessas novas configurações familiares.

O (re)inventar da família e o complexo de Édipo na atualidade

Não há um conceito único que possa definir “família”, mas pode-se descrevê-la em várias estruturas e modalidades através dos tempos. Existem muitas variáveis que envolvem a família, como o ambiente, o social, a economia, o cultural, a política e a religião, que determinam a composição familiar e seu funcionamento até os dias atuais. A origem da palavra “família” remete-nos ao vocábulo latino *famulus*, que tem como significado “servo, escravo”, isto é, primitivamente, a família era considerada como o conjunto de escravos ou *Barbarói, Santa Cruz do Sul, n.40, p.<48-62>, jan./jun. 2014*

criados de uma mesma pessoa (OSÓRIO, 2002). Pode-se afirmar que “a família, como todo sistema vivo, apresenta um contínuo processo de transformação, atravessando etapas que implicam constantes mudanças e adaptações” (FILHO, 2003, p. 255). Desta forma, a família nuclear está atrelada à história desde muito tempo, sendo um referencial de família por muitos séculos. É possível abordar, nesse contexto da família nuclear, algumas características que expressam sua formação, onde a família buscava principalmente a reprodução, garantindo, assim, sua espécie e zelando pela saúde, repercutindo na cidadania e na civilidade. Acreditava-se que ela tinha quatro funções: sexual, reprodutiva, econômica e educativa, sendo essas funções pré-requisitos para a sobrevivência da sociedade (PERROT, 1991).

No século XIX, segundo Perrot (1991), a família era fundada pelo casamento monogâmico, estabelecido pelo acordo mútuo; as paixões eram consideradas perigosas, sendo considerado o melhor casamento o “arranjado”. A família partia de uma construção racional e voluntária, unida por laços espirituais. O chefe era o pai, e somente com a morte dele para dissolver a família. O homem também é quem trabalhava e buscava o sustento para a família; já a mulher era passiva, submissa ao marido e quem educava os filhos. Acreditava-se que a mulher tanto podia ser o centro da casa como se tornar sua ameaça, sendo uma vândala, podendo o filho ser contaminado pela mãe. Os filhos eram livres e deveriam ser educados, e quando na maioridade, poderiam constituir uma família.

Após esse período, surge a família “hierárquica”, na segunda metade do século XX, que era organizada inicialmente em torno do poder patriarcal; após, o poder passou a ser distribuído entre o homem e a mulher de forma igualitária, e, aos poucos, entre pais e filhos. Uma das consequências que conseguiu abalar o poder pátrio foi o ingresso da mulher no mercado de trabalho e, por conseguinte, a emancipação financeira daquelas que foram, durante muito tempo, dependentes do “chefe de família”. Os filhos deixaram de ser a finalidade dos encontros eróticos. As separações e novas uniões feitas no decorrer da vida, aos poucos foram formando novas formas de família (MORAES, 2001; TANIS, 2001; KEHL, 2003; MIGUELEZ, 2012).

Atualmente, a realização fálica da mulher não se dá somente ao vivenciar o amor pelo o homem eleito e ter um filho deste, mas também por outros campos, como em sua realização profissional, econômica, pessoal, que antes eram barradas, pois agora as mulheres não possuem uma única saída, como a maternidade, para serem “mães” (JERUSALINSKY, 2004; MIGUELEZ, 2012). Sabe-se que, com essa evolução surgem “novas mães”, pois, além de serem mães que desejam, alimentam, ensinam, protegem e são desejadas pelo pai, são

mulheres que trabalham e têm sua própria independência, instalando-se assim novos atributos femininos (BORGES, 2005; MIGUELEZ, 2012). Conseqüentemente, assim como vêm existindo “novas mães”, também pode-se pensar que vêm surgindo “novos pais”, pois aos maridos e aos filhos são passados novos traços identificatórios (MIGUELEZ, 2012).

O pai, em seu antigo modelo, tinha como função tomar todas as decisões sobre a família e também manter economicamente sua prole. Questões como educação e cuidados físicos eram responsabilidade dos cuidados femininos. Hoje se vê que esta autoridade dos pais vem sendo desacreditada. Acredita-se que essa desvalorização da figura paterna é decorrente da emancipação das mulheres, que cada vez mais vêm assumindo o poder de criar e educar os filhos. Assim, a figura paterna aparece cada vez mais fragilizada e ausente, passando a ser desnecessária às ditas mulheres emancipadas, pois percebe-se que elas vêm assumindo seus filhos econômica e culturalmente, devido à ausência do pai ou à presença frágil do mesmo (BORGES, 2005).

Porém, por mais que toda essa realidade supracitada ocorra, conforme Filho (2003), não se pode afirmar que a família clássica não serve mais, mas ela não é o único paradigma para a sociedade atual, pois passaram a existir novas e variadas configurações familiares. Houve, assim, o surgimento da “família recomposta”, isto é, um duplo movimento onde mulheres e homens separados, com filhos ou não, tentam novamente reconstruir uma nova família. Também há as “famílias monoparentais”, constituídas por mãe e filhos ou pai e filhos, e, nessa configuração, filhas mães foram qualificadas de mães solteiras. A homoparentalidade também é uma nova configuração familiar que vem, ao longo dos anos, ganhando de certa forma seu espaço (ROUDINESCO, 2003; KUPFER, 2004).

Conseqüentemente, conforme Roudinesco (2003), percebe-se que a família contemporânea se tornou frágil, neurótica, consciente de sua desordem, mas também preocupada em buscar o equilíbrio. “Construída, desconstruída, reconstruída, recuperou sua alma na busca dolorosa de uma soberania alquebrada ou incerta” (p. 153).

Dessa forma, passou-se da família nuclear para uma sociedade pluralizada de organizações familiares, e, conforme Kehl (2003, p. 172), “a família mudou, mudaram os papéis familiares, mas não foi substituída por outra forma de organização molecular”. E mesmo diante de diversas transformações, ainda hoje busca-se separar os papéis exercidos dentro de uma família, porém esses papéis nem sempre são exercidos de forma mais tradicional pelo pai e pela mãe, e mesmo assim, essa família estruturará edipicamente a criança, pois é diante dessa realidade que ela se indagará sobre o desejo que a constitui, desejo

pelo Outro. Também pouco importa que a mãe esteja sozinha, isto é, sem seu companheiro (o pai) ou um parceiro amoroso. O que realmente conta para o complexo de Édipo é existir um terceiro entre a mãe e a criança, onde o amor não seja só pela criança, mas por outra coisa. Além disso, o que possibilita a estruturação neurótica é a interdição do incesto que é realizada por alguém, isto é, somos constituídos do que é nos interdito (KEHL, 2001; KEHL, 2003; NASIO, 2007).

Em relação aos papéis parentais, Kehl (2001) continua dizendo que, independentemente de a mãe trabalhar ou ser separada, ou até mesmo se o pai cuida de seu filho sozinho, não significa que a criança vai ser abandonada ou mal criada. O que importa nessa relação é a posição que se toma diante da criança. Para a autora, os papéis, autores, agentes são substituíveis, por isso o nome de papéis. O que é insubstituível é o olhar que se tem para a criança, um olhar responsável e ao mesmo tempo desejante, não no sentido sexual abusivo, mas ainda sexual que constitui essa criança, e a responsabilidade no que se refere ao limite.

Dessa forma, as funções materna e paterna podem ser exercidas por adultos tutelares (mãe, pai, biológicos ou adotivos), pois, para a psicanálise, ser pai ou mãe vai além de ser os pais biológicos, pois também demanda sentimentos e atitudes no desejo pelo filho, por isso que a função materna e a função paterna vão além dos papéis exercidos de pai e mãe. Existe a distinção entre a função materna e a função paterna em relação aos papéis de pai e mãe desempenhados. Através dos papéis, ocorre o cumprimento dos cuidados físicos e educacionais, que culturalmente são estabelecidos e exercidos pelo pai ou pela mãe. As funções materna e paterna vão além e estão ligadas a todos os aspectos ditos reais, que são experiências vivenciadas pelo contato corporal; imaginários, que relacionam com questões referentes a fantasias, capacidade de imaginar, a partir das experiências; e simbólicos, que vão além do imaginário, ou seja, é a capacidade de elaboração maior, de poder ir além das representações (BORGES, 2005).

Como se sabe, no Édipo, formulado por Freud e ampliado pela psicanálise pós-freudiana, encontram-se as funções maternas e paternas, que serão os elementos fundadores do *infans* na cultura, que vai desde o vínculo narcísico com a mãe até a castração simbólica, diferenciação dos sexos e as saídas identificatórias. Este é um papel da família e a ela cabe a estruturação da subjetividade da criança (TANIS, 2001). Ou seja, a “função materna e função paterna implicam adultos que desejam a criança e que são continentes de determinados

atributos que os tornam capazes de exercer cuidados físicos e psíquicos para com o bebê” (BORGES, 2005, p. 26).

Diante dessa realidade das famílias contemporâneas, chama a atenção o fato de que esses novos modelos familiares têm, em certa medida, modificado a família tradicional e a posição que as crianças assumem diante das figuras parentais. Além disso, merece destaque que tanto o declínio da função paterna como a fragilidade dos laços sociais são aspectos que, segundo Meira (2010), vão ser expostos na cena analítica em forma de sintomas, falas, queixas, demandas, desejos, fazendo, assim, parte do discurso apresentado pelos pais e pela criança. Esse é um dos mais novos desafios encontrados pelos analistas de hoje, ou seja, lidar não só com essas novas configurações familiares que vêm surgindo, mas com novas psicopatologias atreladas a essa realidade. Busca-se, assim, a possibilidade de, pelo intermédio da transferência, criar novas posições subjetivas, para que assim possibilite ao sujeito dar conta desses “novos” sintomas.

Bernardino e Kupfer (2008) corroboram estas ideias apresentando o resultado de uma Pesquisa Multicêntrica de Indicadores Clínicos de Riscos para o Desenvolvimento Infantil, que avaliou crianças de todas as regiões do Brasil, e que mostra o elevado índice de sintomas clínicos como falta de limites, agitação motora e dificuldade de separação, fatores observados também nos consultórios clínicos e na busca pelos psicólogos, que atendem crianças com demandas de hiperatividade, com problemas de comportamento e também quadros de depressão infantil.

Além disso, o que caracteriza também estas crianças é que elas são responsáveis pelas principais escolhas da família, isto é, na escolha do lazer (aonde, quando), em viagens, férias, em objetos como carro, móveis da casa, e também escolhem até a escola em que querem estudar. “A criança está encarregada de decidir quais objetos aportam o gozo e de que maneira gozar deles” (BERNARDINO E KUPFER, 2008, p. 663). Sabe-se que o acesso que hoje existe aos objetos reais é facilitado e, com isso, a sociedade capitalista tem facilidade para o gozo, vigorando assim a falta de corte e do limite para o gozo (POSTERNAK, 2001; RANÑA, 2001; BERNARDINO E KUPFER, 2008).

Percebe-se, assim, que a família, em todos os tempos, (re)inventava-se, e o complexo de Édipo vem acompanhando essas modificações.

Considerações finais

Ao se falar das novas configurações familiares, termo utilizado no decorrer deste trabalho, não significa que as atuais configurações familiares são uma novidade, pois sempre existiram famílias monoparentais, recompostas, homoparentais, só que, até certo ponto, menos aparentes. O termo “novas” é utilizado no sentido de novas ideologias, novas concepções diante da família atual, sendo a entrada da mulher no mercado de trabalho, a revolução tecnológica, o controle da natalidade e a igualdade de gêneros considerados alguns exemplos dessas mudanças ideológicas. Acredita-se também que, assim como a família, o complexo de Édipo vem se (re)configurando, para dar conta dessas modificações que foram surgindo ao longo do tempo.

Durante as revisões de literatura foi possível perceber que, independentemente das novas configurações familiares, o complexo de Édipo se constitui, isto é, qualquer que seja a configuração da família em que a criança viva, ela está “condenada” a passar pelo Édipo. Diante disso, espera-se que os cuidadores, sejam eles pai, mãe, tia, tio, avós, exerçam as funções materna e paterna para com a criança, pois não importa à criança quem faça essa função, mas sim como ela é feita. A função materna busca, de certa forma, acolher, fazer com que a criança seja desejada, amada; e a função paterna está ligada à castração, ao interdito. O que se percebe, muitas vezes, é que o pai deixou de acreditar em sua autoridade, isto é, (re)conhecer o seu lugar de pai.

Com todas essas transformações, a ausência da figura do pai e o enfraquecimento da função paterna na família também é uma questão a ser repensada em estudos futuros, pois muitas serão as consequências diante da estruturação psíquica das crianças, onde o interdito, a castração, estão cada vez mais enfraquecidos e, em função disso, as crianças não têm limites, imaginando, muitas vezes, que podem exercer sobre a família o seu gozo pleno.

O que será das gerações futuras se houver continuidade dessa ausência da figura paterna? Já se pode observar nos consultórios variados sintomas, como angústias de difícil compreensão, fazendo com que os profissionais visualizem novas psicopatologias, que vêm se modificando juntamente com as novas formas de família. Sabe-se que as psicopatologias sempre existiram nos tempos da família nuclear, como no caso da histeria, das neuroses, tendo como consequência o surgimento da psicanálise. O mal-estar que hoje se presencia na sociedade e na família, está ligado às consequências das novas configurações familiares, pois se acredita que os pais se perderam em suas representações paterna e materna, não

reconhecendo, assim, o seu lugar perante as crianças. Portanto, faz-se necessário refletir sobre o papel do psicólogo diante desses conflitos na clínica contemporânea.

Diante desta realidade, do complexo de Édipo na atualidade, é de extrema importância pensar na prática que os psicólogos realizam, pois se percebe que os consultórios estão demandando psicopatologias que antigamente não eram “vistas”, pois tudo se (re)configurou, pessoas, famílias, sociedade e, como consequência, as próprias psicopatologias.

Acredita-se que o ponto principal deste trabalho é realmente questionar, como profissionais, qual tem sido o entendimento ante dessas questões levantadas. O objetivo final aqui não é que os pais tenham que entender o funcionamento do complexo de Édipo e suas consequências, em função do surgimento das novas configurações familiares, mas, sim, o olhar dos psicólogos diante dessas novas representações.

Ao se concluir este trabalho, acreditamos que muitas questões ainda possam ser levantadas e que não estão resolvidas (se é que isso é possível), mas o importante é buscar compreender e questionar esses acontecimentos.

(RE)THINKING THE OEDIPUS COMPLEX IN CONTEMPORANEITY AND THE NEW FAMILIAR CONFIGURATION

Abstract

The present study aims to (re)think the Oedipus complex in contemporaneity and the new familiar configuration. It aims to understand how the Oedipus complex shows itself nowadays from the literature existent and how this complex has sustained itself front the new familiar configurations. This was a bibliographic research, in which it was aimed, through literature research, to review some traditional and contemporary authors who described the history of family and its evolution and also, the Oedipus complex. It is possible to observe that, independently from the familiar configuration in which the children is inserted, the Oedipus Complex is constituted, and, as the family has changed, the Oedipus has also suffered alterations in order to make the new familiar configurations.

Keywords: Oedipus complex. Contemporaneity. New configuration. Family.

Referências

BERNARDINO, L. M. F.; KUPFER, M. C. M. *A criança como mestre do gozo da família atual*: Desdobramento da “pesquisa de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil”. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S1518-61482008000300005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 25 de out. de 2012.

BORGES, M. L. S. F. *Função materna e função paterna, suas vivências na atualidade*. Disponível em: <<http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/1595/1/FuncaoMaternaPaterna.pdf>> Acesso em: 12 de dez. de 2012.

FILHO, W. G. Famílias reconstruídas: breve introdução ao seu estudo. In: GROENING, G. C.; PEREIRA, R. da C. (org.) *Direito de Família e Psicanálise: Rumo a uma Nova Epistemologia*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

FREUD, S. (1910). *Um tipo especial de escolha de objeto. Contribuição à Psicologia do amor I*. In: _____. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XI.

_____. (1916/1917). *O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais*. In: _____. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVI.

_____. (1924). *A dissolução do Complexo de Édipo*. In: _____. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XXV.

_____. (1931). *Sexualidade feminina*. In: _____. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XXI.

GIL, A. C. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

KEHL, M. R. Lugares do feminino e do masculino na família. In: COMPARATO, M. C. M.; MONTEIRO, D. de S. F. (org.). *A Criança na Contemporaneidade e a Psicanálise: Família e Sociedade: diálogos interdisciplinares*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

KEHL, M. R. Em defesa da família tentacular. In: GROENING, G. C.; PEREIRA, R. da C. (org.) *Direito de Família e Psicanálise: Rumo a uma Nova Epistemologia*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

KUPFER, M. C. M. A transmissão do pai e suas conseqüências para a psicanálise de crianças. In: BERNARDINO, L. M. F. (org.). *Psicanalisar crianças: que desejo é esse?* Salvador: Àgalma, 2004.

JERUSALINSKY, A. Complexo de mãe: acerca da atual prevalência feminina na relação com as crianças. In: BERNARDINO, L. M. F. (org.). *Psicanalisar crianças: que desejo é esse?* Salvador: Àgalma, 2004.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da psicanálise*. Traduzido por Pedro Tamen. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MEIRA, A. M. Clínica Psicanalítica com Crianças. In: DRÜGG, A. M. S.; FREIRE, K. S.; CAMPOS, F. A. (org.). *Escritos da clínica*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

MIGUELEZ, N. B. S. de. *Complexo de Édipo: novas psicopatologias, novas mulheres, novos homens*. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

MORAES, M. L. Q. de. A estrutura contemporânea da família. In: COMPARATO, M. C. M.; MONTEIRO, D. de S. F. (org.). *A Criança na Contemporaneidade e a Psicanálise: Família e Sociedade: diálogos interdisciplinares*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

MOREIRA, J. de O. Édipo em Freud: o movimento de uma teoria. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v9n2/v9n2a08.pdf>> Acesso em: 15 de dez. de 2012.

NASIO, J. D. *Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan*. Traduzido por Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

_____. *Lições sobre os 7 Conceitos Cruciais da Psicanálise*. Traduzido por Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

_____. *Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa*. Traduzido por André Talles. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

OSÓRIO, L. C. *Casais e Famílias: uma visão contemporânea*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PERROT, M. A família triunfante. In: _____. *História da Vida Privada: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

POSTERNAK, L. O que espera o pediatra do psicanalista? E o psicanalista do pediatra? In: COMPARATO, M. C. M.; MONTEIRO, D. de S. F. (org.). *A Criança na Contemporaneidade e a Psicanálise: Família e Sociedade: diálogos interdisciplinares*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

RANÑA, W. A doença no corpo: efeito do contemporâneo ou resultado de uma nova leitura. In: COMPARATO, M. C. M.; MONTEIRO, D. de S. F. (org.). *A Criança na Contemporaneidade e a Psicanálise: Família e Sociedade: diálogos interdisciplinares*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

ROUDINESCO, E. *A família em desordem*. Tradução André Talles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

SOUZA, M. R. de. A Psicanálise e o Complexo de Édipo: (novas) Observações a partir de Hamlet. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v17n2/v17n2a07.pdf>> Acesso em: 25 de out. de 2012.

TANIS, B. A família atual, a constituição subjetiva da criança e a psicanálise. In: COMPARATO, M. C. M.; MONTEIRO, D. de S. F. (org.). *A Criança na Contemporaneidade e a Psicanálise: Família e Sociedade: diálogos interdisciplinares*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

YOUNG, R. M. *Complexo de Édipo*. Traduzido por Carlos Mendes Rosa. Rio de Janeiro: Relume Dumará : Ediouro : Segmento-Duetto, 2005.

Data de recebimento: 11/10/2013

Data de aceite: 26/06/2014

Sobre as autoras:

Elenara Farias Lazzarotto da Costa é Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Franciscano (UNIFRA). Endereço eletrônico: elenara@live.com

Cristiane Bottoli é Psicóloga, Mestre em Psicologia e docente do Curso de Psicologia (UNIFRA) Endereço eletrônico: cbottoli@hotmail.com